



PÁGINAS EM BRANCO - NEGROS NA IMPRENSA

BLUMENAUENSE: 1998 - 2002

Sandro Lauri da Silva Galarça¹

Raquel Briana Piske²

Resumo: A mídia atua como formadora e propagadora de uma imagem permanente dos atores sociais por meio de seus produtos jornalísticos, publicitários e de entretenimento. Esta pesquisa, vinculada ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Regional de Blumenau, que atua no ensino, pesquisa, extensão e cultura no desenvolvimento de políticas de diversidade étnico-racial, promoção de igualdade e valorização das populações de origem africana, busca analisar qual a imagem no negro que é projetada pelo Jornal de Santa Catarina no período de 1998 a 2002, em suas mais diversas dimensões as questões ligadas à valorização da diversidade étnico-racial em Blumenau e região. Através da Análise de Conteúdo (Bardin, 1997) a intenção foi fazer mapeamento quantitativo e análise qualitativa, levando em consideração textos, jornalísticos ou não, que trouxeram qualquer referência aos termos ou assuntos ligados à negritude, negros, pardos, pretos, escravos, africanos, considerando de forma ampla e abrangente todo e qualquer assunto que possa estar relacionado com sua religião, cultura, história ou presença na sociedade. Para isso, foi realizada a consulta aos materiais do acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau. Notou-se que há poucas reportagens que discutem a temática, apesar dos negros estarem numa grande maioria de edições, porém, em posições consideradas estereótipos sociais.

Palavras-chave: Blumenau; Conteúdo; Imagem; Imprensa; Negros.

BLANK PAGES - BLACKS IN THE BLUMENAU PRESS: 1998 – 2002

Abstract: The media acts as a trainer and propagator of a permanent image of social actors through their journalistic, advertising and entertainment products. This research, linked to the Afro-Brazilian Studies Center (NEAB) of the Regional University of

¹ Sandro Galarça possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994), mestrado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004) e doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Atualmente, é professor na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) e na Faculdade Ielusc, em Joinville/SC. É coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da FURB (Neab/FURB), atuando principalmente nos temas negritude, questões étnico-raciais e direitos humanos. E-mail: sandro.galarca@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6936-7455>

² Raquel Piske é Acadêmica do curso de Jornalismo, Bolsista de Iniciação Científica do Programa de Incentivo à Pesquisa – PIPE/Artigo 170, da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: raquelpiske@hotmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7865-3691>



Blumenau, which works in teaching, research, extension and culture in the development of policies of ethnic-racial diversity, promoting equality and valuing populations of African origin, seeks to analyze which image in black is projected by Jornal de Santa Catarina in the period from 1998 to 2002, in its most diverse dimensions the issues related to the valorization of ethnic-racial diversity in Blumenau and region. Through Content Analysis (Bardin, 1997) the intention was to make quantitative mapping and qualitative analysis, taking into account texts, journalistic or not, that bring any reference to terms or subjects related to blackness, blacks, browns, blacks, slaves, Africans, considering broadly and comprehensively any and all issues that may be related to their religion, culture, history or presence in society. For this, the materials from the José Ferreira da Silva Historical Archive in Blumenau were consulted. It was noted that there are few reports that discuss the theme, although blacks are in a large majority of editions, however, in positions considered social stereotypes.

Keywords: Blumenau; Content; Image; Press; Black.

PÁGINAS EN BLANCO - NEGROS EN LA PRENSA BLUMENAU: 1998 - 2002

Resmen: Los medios de comunicación actúan como formadores y propagadores de una imagen permanente de actores sociales a través de sus productos periodísticos, publicitarios y de entretenimiento. Esta investigación, vinculada al Centro de Estudios Afrobrasileños (NEAB) de la Universidad Regional de Blumenau, que trabaja en la enseñanza, investigación, extensión y cultura en el desarrollo de políticas de diversidad étnico-racial, promueve la igualdad y valora las poblaciones de origen africano. , busca analizar qué imagen en negro proyecta Jornal de Santa Catarina en el período de 1998 a 2002, en sus dimensiones más diversas los temas relacionados con la valorización de la diversidad étnico-racial en Blumenau y la región. A través del análisis de contenido (Bardin, 1997), la intención era hacer un mapeo cuantitativo y un análisis cualitativo, teniendo en cuenta textos, periodísticos o no, que traigan alguna referencia a términos o temas relacionados con la negrura, negros, marrones, negros, esclavos, africanos, considerando de manera amplia e integral todos y cada uno de los temas que puedan estar relacionados con su religión, cultura, historia o presencia en la sociedad. Para ello, se consultaron los materiales del Archivo Histórico José Ferreira da Silva en Blumenau. Se observó que hay pocos informes que discutan el tema, aunque los negros se encuentran en una gran mayoría de ediciones, sin embargo, en posiciones consideradas estereotipos sociales.

Palabras-clave: Blumenau; Contenido; Imagen; Prensa; Negro

PAGES BLANK - LES NOIRS DANS LA PRESSE BLUMENAU: 1998 – 2002

Résumé: Les médias agissent comme formateur et propagateur d'une image permanente des acteurs sociaux à travers leurs produits journalistiques, publicitaires et de divertissement. Cette recherche, liée au Centre d'études afro-brésiliennes (NEAB) de l'Université régionale de Blumenau, qui travaille dans l'enseignement, la recherche, la vulgarisation et la culture dans le développement de politiques de diversité ethno-raciale, la promotion de l'égalité et la valorisation des populations d'origine africaine, cherche à analyser quelle image en noir est projetée par Journal de Santa Catarina dans la période de 1998 à 2002, dans ses dimensions les plus diverses les questions liées à la valorisation



de la diversité ethno-raciale à Blumenau et dans la région. À travers l'analyse de contenu (Bardin, 1997), l'intention était de faire une cartographie quantitative et une analyse qualitative, en tenant compte des textes, journalistiques ou non, qui font référence à des termes ou sujets liés à la noirceur, aux noirs, aux bruns, aux noirs, aux esclaves, aux Africains, considérant de manière large et globale toutes les questions pouvant être liées à leur religion, leur culture, leur histoire ou leur présence dans la société. Pour cela, les documents des archives historiques José Ferreira da Silva de Blumenau ont été consultés. Il a été noté qu'il y a peu de rapports qui traitent du thème, bien que les noirs soient dans une grande majorité des éditions, cependant, dans des positions considérées comme des stéréotypes sociaux.

Mots clés: Blumenau; Contenu; Image; Appuyez sur; Noir.

INTRODUÇÃO

A desigualdade racial no Brasil está totalmente atrelada à construção da identidade nacional. É o que mostra o Repertório Bibliográfico sobre a Condição do Negro no Brasil (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018). Foram três séculos de escravidão no país, em que os negros foram tratados como inferiores, animais ou objetos, explorados como mão de obra escrava, com funções consideradas degradantes para os brancos. Eram ridicularizados pelo seu aspecto físico e seus costumes (CARNEIRO, 1995).

Com a Lei Áurea, de 1888, eles foram libertados, mas as oportunidades pouco mudaram, uma escravidão disfarçada, pois continuavam a viver à margem da economia do país, na condição de servos e criados. Carneiro (1995) aponta que uma das formas que os negros encontraram de subir socialmente foi o branqueamento, em que clareavam a pele e alisavam o cabelo, mais próximos dos padrões de beleza branca. Apesar disso, foi só em 1988, cem anos depois da Lei Áurea, de muita luta e preconceitos sofridos, na Constituição, que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”.

Hoje, representam 56,10% da população brasileira, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. Mas apesar disso, ainda podem ser observados retratos dos preconceitos raciais em vários aspectos da vida diária. O Atlas da Violência de 2017, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostrou que a cada 100 pessoas assassinadas, 71 são negras, e os negros possuem 23,5% maiores chances de sofrerem homicídio. No mercado de trabalho, os negros ocupam apenas 29,9% dos cargos gerenciais, 47,3% dos empregados estão em trabalhos informais. Na política, eles representam 24,4% dos deputados federais eleitos (IBGE, 2018).



Pesquisas realizadas sobre o tema mostram que o espaço na mídia, em comparação com a composição da população, ainda é pouco ocupado pelos negros como protagonistas de suas histórias (ARAÚJO, 2004; BARBOSA, 2004; GUIMARÃES, FARIAS, & PINTO, 2006 apud. ACEVEDO; NOHARA, 2008). Acevedo e Nohara (2008) lembram como os meios de comunicação podem se tornar instrumentos de reprodução das ideologias dos grupos dominantes e como exercem o papel de construção e reafirmação de identidades individuais, além de oferecer modelos de pensamentos e comportamentos a serem reproduzidos (KELLNER, 2001 apud. ACEVEDO; NOHARA, 2008).

Quando o assunto são as mulheres negras, é seguro dizer que gozam de invisibilidade ainda maior, seja no meio social, profissional ou mesmo acadêmico. Assim, lembramos que “E quando falamos de mulheres negras, falamos de demandas ainda mais específicas que não se satisfazem por completo apenas considerando as questões de gênero nem apenas as questões raciais”³. (NOGUEIRA, PASSOS E CRUZ, 2013, p. 291).

Desta forma, até mesmo quando o assunto são escravos de origem africana, "preocupa-se em demonstrar o pequeno número, que não comprometeria a imagem de um pedaço da Europa no Sul do Brasil" (LEITE, 1996, p.236). Leite aponta que na história de Santa Catarina, os escravos negros estiveram em menor número, o que não significou menor preconceito ou discriminação racial no estado. Os registros de jornais da época mostram como eram retratados como estranhos, intrusos do convívio social e que precisavam ser tolerados.

“Esquecidos pelas políticas públicas e pelas pesquisas científicas, os negros deixaram de fazer parte, ou talvez nunca fizeram, do perfil étnico da região Sul, de sua identidade. Ou porque foram invisibilizados pelas várias formas de representação literária e política ou porque foram segregados social e espacialmente, de modo a serem tratados como não existentes”. (LEITE, 1996, p.9)

Desse modo, a pesquisa tem como objetivo geral verificar como a imprensa local aborda em suas mais diversas dimensões as questões ligadas à valorização da diversidade étnico-racial em Blumenau e região. Além disso, a pesquisa ainda buscou quantificar material jornalístico divulgado sobre as questões de valorização da igualdade étnico-racial em Blumenau e região, quantificar material publicitário elaborado sobre o tema, identificar as principais fontes ouvidas nas reportagens que envolvem temas como

³ *A participação das pesquisadoras negras na produção do conhecimento científico. Identidade!*, São Leopoldo, v.18 n. 3, ed. esp. p. 291-302, dez. 2013, ISSN 2178-0437X



discriminação racial e violência urbana de que os negros são vítima, refletir sobre os principais assuntos agendados e descobrir como esses temas constroem o agendamento social a partir da imagem do negro na imprensa. Também procurou-se reunir resultados de outras pesquisas que já tenham sido ou estejam sendo desenvolvidas sobre o tema na instituição e problematizar a influência da mídia na construção da imagem do negro na sociedade regional.

Neste processo, tentou-se confirmar hipóteses previamente estabelecidas sobre a temática, sendo elas: (H1) a atuação da imprensa diária de Blumenau e região reforça a invisibilidade dos temas relacionados à diversidade étnico-racial no cotidiano dos leitores; (H2) o resultado do trabalho jornalístico reforça o papel ideológico de defesa do sistema macroeconômico, entendido como a manutenção do capitalismo, em suas mais variadas manifestações, relegando a cultura, a religião e os assuntos ligados aos negros a um papel secundário no protagonismo social; (H3) as questões sobre valorização da diversidade étnico-racial não encontram espaço adequado para discussão, reflexão e questionamentos da sociedade na grande imprensa local.

Por outro lado, é possível afirmar que preocupa a formação da imagem do negro no Brasil como periférica e baseada quase que exclusivamente na referência ao branco, a uma contraposição ao que pensa, produz e pratica a sociedade branca. É necessário produzir narrativas negras, na mesma dimensão em que se torna necessário questionar narrativas hegemônicas. Como nos alerta Pereira (2019):

Contudo, a Juventude Negra exposta nos estudos sobre a violência no país é apontada como alvo central de homicídio, ou uma “juventude perdida”, embora este contingente represente uma pequena parcela do segmento das Juventudes Negras. Este contingente requer cuidados específicos e políticas públicas eficazes no controle e combate dos indicadores negativos, mas não pode ser tomado como sendo a representação de todas as Juventudes Negras. Assumir essa prerrogativa é aceitar apenas parte da experiência desse segmento. (PEREIRA, 2019, p. 324)

Entre as perguntas que a investigação busca responder, estão: qual é o espaço destinado às questões que valorizam a igualdade racial, por meio de sua cultura, religião e manifestações identitárias na imprensa blumenauense? Como as notícias sobre o negro e sobre as problemáticas culturais e sociais das populações de origem africanas são construídas? Em que medida o tema igualdade étnico-racial é pautado em matérias sobre economia, mobilidade urbana, moradia, violência, infraestrutura da cidade, imigração, religiosidade, por exemplo? Como o conteúdo é trabalhado na divulgação das principais



notícias veiculadas aos negros e às populações afro-descendentes nas cidades no entorno de Blumenau? Quem são as fontes ouvidas quando o assunto diz respeito ao negro e suas questões identitárias? Qual o contexto construído simbolicamente nas matérias que tratam dos problemas sociais que envolvem questões étnico-raciais, violência, preconceito, cultura, religiosidade?

MATERIAL E MÉTODOS

Para compreender como a imprensa blumenauense aborda a diversidade étnico-racial da cidade e região, foi realizado a análise do Jornal de Santa Catarina, único jornal diário impresso de Blumenau, que desde outubro de 2019 não é mais impresso. A intenção da pesquisa é fornecer um panorama dos últimos dez anos do periódico. Devido ao volume de edições e para garantir uma análise mais detalhada, este artigo foca-se nos primeiros cinco anos, de 1998 a 2002 (primeira etapa da pesquisa). A consulta às edições impressas foi realizada no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, sediado em Blumenau.

A coleta de dados foi realizada entre setembro e dezembro de 2019, quando foi realizada a leitura de todas as edições do jornal impressas entre 1998 e 2002. A intenção era identificar todas as fotos, produtos publicitários, textos, jornalísticos ou não, que abordassem o tema negros ou afrodescendentes. Foram contabilizados no total 1.532 edições do Jornal de Santa Catarina analisadas destes cinco anos. A catalogação do material encontrado foi feita anotando-se o mês, dia da edição, página, e o tipo de conteúdo, dividindo-se em foto, texto e publicidade. Após o trabalho de coleta de dados, as informações foram organizadas e classificadas em tabelas pela pesquisadora em texto, foto e publicidade, para assim, gerar-se os dados quantitativos desta pesquisa.

O principal método utilizado para analisar o material foi a Análise de Conteúdo, que para Bardin (1977), é uma técnica elementar realizada desde o início do século XIX por Thomas e Znaniecki, que fizeram um estudo sociológico através de diversos materiais como cartas, diários íntimos e relatórios oficiais, para entender a integração dos emigrantes poloneses na Europa e na América. Desde o princípio do século, durante cerca de quarenta anos, a análise de conteúdo desenvolveu-se nos Estados Unidos. Nessa época o rigor científico invocado é o da medida, e o material analisado é essencialmente



jornalístico. A Escola de Jornalismo da Colúmbia dá o pontapé de saída e multiplicam-se assim os estudos quantitativos dos jornais (BARDIN, 1977, p. 15).

Neste trabalho, explora-se a análise quantitativa, que informa a frequência com que aparece alguma característica do conteúdo que está sendo pesquisado, além da análise qualitativa, que leva em consideração a medida de ausência ou presença de um determinado dado que fragmenta a mensagem (BARDIN, 1977).

McQuail (2013) também trata do assunto e cita Berelson para explicar a “sequência básica de aplicação da técnica” na análise:

- “ a) Escolher um universo ou amostra do conteúdo.
- b) Estabelecer um quadro de categorias de referentes externos ao propósito da investigação (como um conjunto de partidos políticos ou países aos quais se possa fazer referência no conteúdo.
- c) Escolher uma unidade de análise a partir do conteúdo (pode ser uma palavra, uma frase, um item, uma reportagem inteira, uma imagem, uma sequência, etc.).
- d) Procurar associar o conteúdo ao quadro de categorias, contando a frequência das referências a itens relevantes no quadro, por unidade escolhida de conteúdo.
- e) Expressar os resultados na forma de uma distribuição geral do universo completo ou amostra de conteúdo escolhido em termos de frequência de ocorrência dos referentes procurados”. (MCQUAIL, 2013, p. 341)

Além disso, Bardin (1977) também aponta que independente do assunto, a Análise de Conteúdo divide-se em “três pólos cronológicos”: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados. Na pré-análise inicia-se a organização das ideias do que pretende-se descobrir, levantamento de hipóteses. É neste momento os primeiros contatos com o material analisado, chamado de leitura flutuante (BARDIN, 1977).

Já na segunda fase, durante a exploração do material, é que o contato torna-se mais constante, é um processo mais longo, pois “consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas”, de acordo com Bardin (1977). É nesta etapa em que se começa a quantificar e qualificar o material, para, no passo seguinte sejam explicados a partir dos objetivos da pesquisa. Por meio de gráficos, imagens, gravuras e outros documentos comprova-se a validade da análise da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Após a consulta a todas edições entre 1998 e 2002, verificou-se que a figura dos negros na imprensa blumenauense está bastante presente em fotografias, relacionadas a esporte, eventos culturais e na seção “O assunto é”. Das 1532 edições analisadas, 38,6% não possuem nenhuma foto, texto ou publicidade com negros. E quando se fala no conteúdo dos textos e discussão relacionada à diversidade étnico-racial, verifica-se que o volume de conteúdo é menor.

Das 308 edições de 1998, em 82 delas não haviam fotos, textos ou publicidades com negros. Neste primeiro ano de análise, já no início é possível perceber que são poucas as matérias que exploram a respeito da cultura afro brasileira e o que se fala é de apresentações de artistas na região, como Daniela Mercury, O Rappa, e como esta primeira trabalha a diversidade étnica e o segundo trata em suas músicas o racismo, miséria, fome, corrupção. Já no mês de janeiro, há uma matéria que fala de uma onda de assaltos que os bancos da região têm enfrentado nos últimos anos, com o título “Um ano negro para os bancos do Vale”, e a expressão no texto “período negro”. Este é um exemplo em que a palavra ‘negro’ está associada a algo negativo, ruim. A situação se repete no mês de dezembro, com uma matéria intitulada ‘O quadro negro da saúde’, a respeito da paralisação de médicos por falta de salários.

Publicidades também fizeram parte da análise, por isso, aqui destaque para duas publicidades que foram veiculadas no mês de janeiro. Uma delas é da RBS, empresa que detentora do Jornal de Santa Catarina até então, que trata de uma ação de arrecadação de renda para entidades sociais, com a frase principal “O melhor sonho é um um sonho realizado”, que é ilustrada pelo rosto de um menino negro. A segunda publicidade trata de trabalho infantil, com a frase “Se este é o presente desta criança, qual vai ser o futuro?”, com uma criança negra trabalhando em uma fábrica de carvão. Ambas foram veiculadas mais de uma vez no mês. Um fato interessante é que neste mesmo mês foi produzida uma matéria sobre trabalho infantil e nenhuma das crianças citadas anonimamente eram negras, de acordo com a descrição do jornalista, mas as peças publicitárias estavam, de alguma forma, reforçando estereótipos sobre as condições de crianças negras.

O que foi exposto acima vai ao encontro do que diversos autores citados por Traquina (2012) afirmam: que a visão de mundo construída pelos meios de comunicação de massa reforçam os pontos de vista do poder instituído, devido ao discurso construído tanto jornalisticamente quanto pelos anunciantes. Assim, numa sociedade capitalista cujo veículo "jornal" pode ser entendido como um produto originado de um processo de



reprodução em série, com objetivos que servem ao capital, por um lado existe uma ligação estreita entre a classe capitalista, as elites dirigentes e os produtores midiáticos; há um acordo entre personalidades da classe dominante e produtores midiáticos; e a total concordância entre o produto jornalístico e os interesses dos proprietários e das elites.

Em fevereiro do mesmo ano, há uma matéria que fala sobre a Festa de Iemanjá, que trata como “culto afro-brasileiro reúne grande número de turistas e curiosos, que buscam entender um pouco dos rituais trazidos para o Brasil pelos escravos, e que se mantêm vivo até hoje na cultura do país”. O texto cita uma fonte, que é o organizador do evento. Neste mês ainda há matérias que falam do cenário cultural que envolve artistas negros e do filme de Steven Spielberg ‘Amistad’, que aborda venda de escravos. Meses depois, em outubro, em um texto opinativo sobre o filme, o autor fala que o cineasta “usa seu talento para criar belas imagens da escravidão”.

Neste mesmo mês ainda há a primeira matéria que fala sobre preconceito, com a história de Cruz e Souza, principal autor simbolista do Brasil, e as dificuldades que ele como negro enfrentou na vida. Nos meses seguintes, o Sudão ganhou destaque em várias matérias e notas sobre a situação do país, sempre ilustrada por fotos de crianças negras em estado de desnutrição. Em julho, há uma matéria com uma modelo sudanesa sobre como superou as dificuldades que sua família enfrentava no país, e cita, superficialmente, a respeito do preconceito que sofreu na carreira.

Um contraponto a esse discurso pode ser observado no mês de agosto, em editorial da RBS que trata de desigualdade e entre os assuntos abordados está a diferença salarial entre brancos e negros: “Enquanto a renda de um homem branco é de R\$881, a de um negro é de R\$ 423, menos da metade. Não é só: a mulher branca ganha, também em média, 35% menos do que um homem branco, mas mais do que um de raça negra. No degrau mais baixo dessa escala social situa-se a mulher negra nordestina, que trabalha na zona rural. Eis aí discriminações raciais, e secundariamente, de sexo, inconcebíveis em uma sociedade democrática que se pretenda solidária e justa”. É o que diz o trecho do editorial intitulado ‘Um retrato do Brasil’. Segundo Mont’Alverne (2017, p.153) é um texto opinativo no qual a empresa jornalística apresenta a sua visão sobre assuntos variados, é considerado como a voz do jornal, tem a intenção de guiar a opinião do leitor sobre os temas que aborda.



Quadro 1 - Dados do ano de 1998

MESES	FOTO	TEXTO	PUBLICIDADE
JANEIRO	47	11	4
FEVEREIRO	59	14	3
MARÇO	25	5	2
ABRIL	31	8	3
MAIO	40	10	3
JUNHO	35	4	1
JULHO	51	3	1
AGOSTO	33	10	-
SETEMBRO	23	5	-
OUTUBRO	31	8	-
NOVEMBRO	34	8	2
DEZEMBRO	41	8	2

Total de Edições Analisadas: 308. Em 82 delas, nenhuma menção encontrada

Fonte: os autores

A respeito deste primeiro ano de análise, pode-se dizer que os principais locais que os negros se encontram nas páginas do Jornal de Santa Catarina está relacionado a esportes, no que tange ao futebol, atletismo, xadrez, e também na parte cultural, com a divulgação de apresentações de artistas nacionais na região. Além disso, o espaço ‘O assunto é’ abriga grande parte das fotos de negros no jornal, a coluna pede a opinião de moradores da cidade sobre assuntos diversos.

No ano de 1999 totalizaram-se 306 edições analisadas e em 137 delas não havia nenhuma foto, texto ou publicidade com negros. No mês de janeiro, a primeira matéria a discutir o assunto é a respeito da festa de Natal dos Negros, que ocorreu em Piçarras. No texto, o jornalista explica que era comemorado no dia 26 de dezembro pois era a única data disponível, de folga para os escravos, e a matéria é explicativa neste sentido e utiliza como fonte a organizadora da festa. Em março há uma matéria intitulada “Pérolas negras”, que trata sobre cantoras negras do mundo todo e suas influências musicais e importância. No próximo mês, há uma matéria também musical sobre músicos que são influenciados pela música negra americana, “Branços, mas com almas negras” é o título. Ainda em abril, o ator Toni Garrido, pelo filme Orfeu, é entrevistado e conta sua história,



citando os preconceitos que sofreu por ser negro, como a vez que vizinhos da família adotiva dele queriam que o jovem utilizasse o elevador de funcionários do prédio.

No mês de maio, há duas notas sobre a nova Miss Blumenau, uma jovem negra, que inclusive tem um discurso étnico racial abordado no texto: “representa o fim de uma hegemonia de beleza branca na cidade que ficou conhecida como ‘loira Blumenau’”. Também há uma fala da nova Miss que se diz orgulhosa de ter vencido no meio de tantas loiras. Essa foi a única vez que falaram sobre ela. Neste mesmo mês, o Jornal de Santa Catarina realizou uma série de reportagens sobre a Nigéria, e a capa do jornal estampa a seguinte chamada: “Em busca do Brasil nigeriano. Uma série de reportagens exclusivas revela as tradições nigerianas trazidas no passado pelos escravos e a triste realidade social do país africano”. A primeira delas é intitulada “Uma viagem às origens do Brasil”, que fala das relações e reciprocidades entre o Brasil e Nigéria, “país de onde partiram no século 18 milhares de negros transformados em escravos e no qual se originou a tradição yoruba, que mais tarde se espalhou pelo norte e nordeste brasileiro”. Da série de reportagens, esta é a única que trata das influências dos dois países na culinária, religião, pois as outras ressaltam a economia e democracia fragilizada do país. Ainda em maio há uma nota a respeito do concurso Miss Universo, em que a ganhadora foi a Miss Botsuana, cujo texto traz uma referência de que “ela é uma das poucas mulheres da raça negra coroadas com o título de rainha mundial da beleza”.

No mês de junho, destaque para uma reportagem sobre uma comunidade afro-brasileira em Porto Belo. O texto tem como fontes o líder da comunidade e outros quatro moradores do local e entre os assuntos abordados está o início da comunidade, onde moram 35 famílias isoladas, vivendo de agricultura e empregos no setor público. Questionados sobre sua origem, os entrevistados não sabem dizer, se alguns deles têm parentesco com ex-escravos e citam que um morador já falecido do local disse que seus pais e outros ex-escravos foram os primeiros moradores do lugar.

Nos meses seguintes há alguns assuntos relacionados a racismo. Em uma entrevista com a atriz negra Ana Carbatti, que faz o papel de uma escrava em seu novo trabalho, é questionada se acredita que hoje existe mais espaço para atores negros na tevê. Sua resposta foi que achava que não estava expandindo. “O problema é que a sociedade retratada na tevê não é real. Esta questão da Record estar com uma novela com alguns atores negros com papéis medianos e Força de Um Desejo apresentar histórias interessantes de escravos é uma maneira de se eximir do preconceito. Todos nós somos



culpados pelo preconceito, que gera situações terríveis, como uma pessoa ter de brigar para usar o elevador da frente”.

Quadro 2 - Dados do ano de 1999

MESES	FOTO	TEXTO	PUBLICIDADE
JANEIRO	27	12	1
FEVEREIRO	11	6	-
MARÇO	3	2	-
ABRIL	30	14	-
MAIO	31	12	1
JUNHO	24	5	2
JULHO	26	7	1
AGOSTO	16	6	-
SETEMBRO	17	4	6
OUTUBRO	10	-	2
NOVEMBRO	22	7	8
DEZEMBRO	29	6	7

Total de Edições Analisadas: 306. Em 137 delas, nenhuma menção encontrada

Fonte: os autores

No mês de agosto há uma matéria sobre o Congresso Brasileiro Negro, que deve discutir a questão de negros e seus descendentes que trabalharam de escravos no período colonial brasileiro. Utiliza como fontes o presidente da União Brasileira dos Homens de Cor Negra (UBHCN) Antonio Cabral dos Santos, com uma citação sua a respeito da perda da identidade negra, de lembrar de suas origens, disse que “foram as mãos calejadas do negro que construíram o Brasil”, e que a sociedade brasileira deve muito aos negros. Em dezembro de 1999, o Jornal de Santa Catarina distribuiu pelas páginas das edições do mês frases de pessoas que marcaram o mundo no século, os negros que aparecem são Martin Luther King, líder negro dos EUA; Nelson Mandela, líder negro da África do Sul; Pelé, ex-jogador de futebol.

Em 2000, foram 309 edições analisadas e em 140 delas foram brancas, sem nenhuma foto, texto ou publicidade com negros. No ano de 2000, há um texto crítico ao documentário feito por Spike Lee ‘Quatro Meninas’, que conta a história de quatro meninas que foram vítimas de um ataque com bomba, motivados por questões racistas, em uma igreja em 1953. O texto é curto e não explora tanto o assunto, mas lembra que



Lee sempre trabalha em seus filmes tópicos raciais. E ao longo deste mesmo ano, foram publicados outros textos de filmes do mesmo cineasta que estrearam no Brasil e exploram a temática.

No mês de março, a RBS publicou um editorial sobre as comemorações dos 500 anos do Brasil, questionando se deve ser, de fato, comemorado algo. Traz um apanhado histórico, fala do sofrimento dos indígenas e dos negros que foram trazidos para o país e que isso se reflete até hoje na sociedade. O texto conclui afirmando que é um momento de reflexão. Já em abril, também relacionado aos 500 anos do país, há uma publicidade da Festa das Etnias, com o slogan ‘Marque um encontro com suas origens’, e é ilustrada com seis fotos, um negro, uma indígena, e quatro pessoas brancas.

Em maio, no espaço do ‘Artigo do Leitor’, o jornalista José Reinoldo Rosenbrock fez a sua contribuição em um texto que discute que não basta pedir perdão ao que foi feito aos negros, mas é preciso reconhecer a sua contribuição para o desenvolvimento do país. Cita as atrocidades cometidas contra os negros, e cita locais em Santa Catarina em que há registros de uso de mão de obra escrava. “Precisamos abandonar a discriminação, que existiu e ainda perdura. Eles, os negros, são tão brasileiros como todos nós. Principalmente quando se sabe, cientificamente, que tudo começou na África, e que os europeus descendem, de acordo com pesquisas feitas, todos, de apenas sete mulheres, e nós brancos somos seus irmãos, embora branqueados, caldeados e miscigenados por centenas e centenas de anos”, dizia um trecho do texto.

Há um anúncio que aparece diversas vezes ao longo dos meses, de junho a agosto. Trata-se de uma campanha social, com o seguinte slogan: “Para você é um agasalho. Para nós, um alimento. Para eles, uma vida melhor”, e que é ilustrada por uma criança negra. Em agosto, ela aparece como uma apresentação dos resultados, ilustrada novamente pelo menino negro, agora sorrindo, com os dizeres: “O inverno de quem recebeu as doações está muito mais quente. O coração de quem fez as doações, também”.

No mês de setembro, em matéria sobre as comemorações do dia 7 de setembro, no destaque da capa há a seguinte chamada “Rua XV recebeu uma multidão de todas as cores e idades no desfile verde-amarelo da manhã de ontem”. E além do texto, chama-se a atenção que na foto há uma criança branca e as restantes são negras, todos segurando pequenas bandeiras do Brasil. Mais adiante no mesmo mês, foi publicada uma matéria intitulada “Apartheid na telinha ainda prevalece”, abordando que, ao contrário da realidade étnica do Brasil, os negros são minorias na novelas, programas humorísticos e



publicidade. A matéria traz dados do IBGE, que mostram os negros como 45% da população e que esse equilíbrio racial ainda não chegou na TV. Destaca que os papéis, às vezes, estão restritos a escravos e serviçais. Como fonte são utilizados atores, jornalistas, e defensores do movimento. É interessante observar que a maioria dos atores citados não interpreta isso como uma bandeira a levantar. A atriz Thalma de Freitas diz sobre já ter interpretado três domésticas: “Minha mãe e minha avó foram domésticas. Infelizmente, a novela é o retrato da sociedade brasileira”. Camila Pitanga foi a primeira negra a fazer propaganda para o sabonete Lux: “Acho bacana quando todo mundo faz de tudo. Só não acho legal é virar porta-voz da causa racial”, disse.

Em outubro, o artigo de opinião “Educação e racismo”, do educador Magno de Aguiar Maranhão, defende que na escola deve-se falar no que tange à diversidade étnica, o racismo, que esta seria uma forma de exterminar o racismo, discutindo-o desde a escola básica, e assim, valorizando os negros na história do país. O educador traz um rápido apanhado histórico da escravidão e os efeitos que isso teve sobre os povos negros que ficaram à mercê após a abolição da escravatura, sem ajuda governamental e como isso reflete até hoje na sociedade. Percebe-se aqui que o tema negritude, racismo, entre outras variáveis, aparece com bastante frequência no espaço dedicado ao leitor (onde qualquer pessoa pode enviar o seu texto), o que mostra que existe uma real demanda em discutir o assunto nas páginas do jornal.

Novembro, deste ano, é o mês com mais matérias que discutem o tópico principal de análise desta pesquisa. Não por coincidência, dia 20 de novembro marca a passagem do Dia da Consciência Negra, o que pode ser interpretado como o motivo para o assunto ganhar mais destaque no jornal, já que todas elas são próximas a data citada acima. O primeiro deles é o artigo do leitor, do professor e jornalista Carlos Silva, que em seu texto conta a história da origem desta data, em 1979 em São Paulo, e que foi escolhida pois é a data de morte do guerreiro Zumbi, líder no quilombo de Palmares, no século XVII. “Esta discussão precisa entrar e sair das salas de aula, ganhar as ruas, os veículos de comunicação e forçar um debate mais acirrado para tirar o negro da senzala, do quilombo camuflado que insiste em permanecer no Brasil. Conviver numa sociedade diversificada de raças sem precisar passar pelo processo de embranquecimento, negando a negritude”. Vale citar, aqui, que Carlos Silva foi um dos fundadores e o primeiro coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Furb, o Neab/Furb, grupo de estudos e resistência a que a presente pesquisa está vinculada.



A matéria que fala sobre a data tem o título “No peito e na raça”. As fontes da reportagem são criadores da revista Raça Brasil, voltada para o público negro. Em suas falas, as fontes explicam como a revista ajudou a mudar a visão de mercado que se tinha sobre os negros, a criação de produtos específicos para esse público, como maquiagens, cosméticos, e até muito recentemente eles não eram vistos como um público consumidor, que tem poder aquisitivo. A matéria volta a falar de um assunto já trabalhado no jornal, os poucos atores negros. Uma das retrancas do texto, a fonte é uma professora blumenauense, a qual aponta que na cidade não existem muitas opções de produtos para negros, e conta que se desloca até Florianópolis para comprá-los e para fazer as tranças do seu cabelo. Ainda há uma retranca sobre a primeira revista em quadrinhos com um personagem negro, o ‘Luana e Sua Turma’. O texto conta que o seu criador a desenvolveu depois que soube de uma história em que uma criança quase entrou em depressão pois não podia ter o cabelo loiro da Xuxa.

A última publicação de novembro, e do resto do ano também, é a respeito da exposição Afro Descendente, que ocorre em Itajaí. A única fonte do curto texto é de um professor que integra o Núcleo de Reflexão Afro-Descendente Manoel Martins dos Passos. A exposição traz informações do curso que o grupo construiu para guiar o ensino da história negra no país, o caminho da libertação dos negros, obstáculos e vitórias, além de obras sobre a questões negras expostas.

Quadro 3 - Dados do ano de 2000



MESES	FOTO	TEXTO	PUBLICIDADE
JANEIRO	22	4	-
FEVEREIRO	19	3	1
MARÇO	17	5	1
ABRIL	10	-	2
MAIO	14	3	-
JUNHO	22	1	2
JULHO	17	2	-
AGOSTO	14	3	1
SETEMBRO	28	4	-
OUTUBRO	13	6	-
NOVEMBRO	22	6	4
DEZEMBRO	18	1	5

Total de Edições Analisadas: 309. Em 140 delas, nenhuma menção encontrada

Fonte: os autores

No ano de 2001, totalizaram-se 301 edições analisadas e não havia nenhuma foto, texto ou publicidade com negros em 136 edições. No mês de março, há um anúncio da Telesc promovendo o espetáculo multimídia ‘Negros em Desterro’, que aconteceria em 27 de março daquele ano no Teatro Carlos Gomes. O anúncio foi o único conteúdo sobre este espetáculo, não houve nenhuma matéria. Em abril, houve a divulgação, através de uma matéria, a respeito de uma votação promovida pela Celesc e RBS, para destacar catarinenses que marcaram o estado no século XX. Entre eles, está a professora Antonieta de Barros, a única pessoa negra da lista. A matéria não detalha sobre nenhum deles especificamente, pois seria produzida uma série de reportagens para televisão.

No mês de junho, duas matérias se destacam. A primeira delas diz respeito à presença dos negros no litoral do estado. ‘Os litorâneos: Negros, como a centenária Maria Thomaz, e açorianos hoje povoam cidades do litoral colonizadas pelos antepassados’, é a chamada destaque na capa, ilustrada com a foto de uma senhora negra, que é entrevistada no texto e única fonte, e conta a sua história. Intitulada ‘A história de quem veio à força’. A matéria já inicia falando que a senhora, 101 anos, é filha de escravos. Entre as falas da entrevistada destaca-se: ela aponta que a lei de abolição da escravatura deu pouca liberdade aos negros e apesar de ter nascido livre, presenciou situações de atrocidades contra pessoas de cor; Maria também pontua que percebe que parentes não aprendem na escola a importância do papel dos negros. Conta a história de uma cena que presenciou



em que um negro foi colocado, como castigo, em frente a uma fornalha e que não podia se mexer, com bolhas surgindo na pele devido ao calor. Há retranca que fala da presença histórica dos negros na região, afirma que os escravos se concentraram no litoral, mas que outras cidades também tiveram essa mão de obra, como Jaraguá do Sul e aponta que, segundo documentos, o fundador de Blumenau também era a favor do uso de mão de obra escrava.

Há ainda em junho, uma matéria sobre a fundação de partido de negros brasileiros, com o título “Branco não entra”, que, de acordo, com a linha do texto amplia a discussão sobre racismo, participação e exclusão social. Trata-se do Partido Popular Poder Para a Maioria (PPPomar), e o texto explica que uma das ideias do partido é ser formado só por negros, mas as fontes deixam claro que não acham a raça negra superior, como outros partidos pregam sobre os brancos. Entre as afirmações das fontes entrevistadas, podemos destacar: ‘Os brancos estão no poder há 500 anos. O que fizeram por nós? Nada. Chegou nossa vez de botar ordem na casa e lutar por nossos interesses’, esta é a fala de um dos integrantes do partido e como finalização, o texto do jornal diz ‘prega o radical’. Como fonte especialista, a reportagem fala com professora da Universidade de Brasília, que ‘explica que organizações de negros são toleradas porque representam uma discriminação positiva ou compensatória’. O presidente da Fundação Palmares defende o mesmo ponto de vista da professora universitária, mas diz que não gosta da ideia de exclusividade. A matéria ainda possui um box com informações do Estudo Desigualdades Raciais No Brasil, que traz dados sobre as diferenças em educação, primeiros anos de vida, mercado de trabalho. Este foi um dos textos mais plurais até este período, com diferentes pontos de vista, mas a visão da justificativa de criação do partido é pouco explorada.

Em agosto, no espaço do Artigo do Leitor, o autor do texto debate uma matéria que foi apresentada no Jornal Hoje, da Rede Globo, em que o governo promoveria um curso pré-vestibular para negros, como uma maneira de aumentar o percentual de negros nas universidades. O leitor admite a existência do racismo, mas diz que isso não é igualdade, ainda pontua que não é negro, mas ‘se fosse não admitiria tal distinção’, e se tivesse um curso só pra brancos não admitiria também.

O último assunto de 2001 que aborda a temática é uma matéria de novembro, tratando do trabalho de grafiteiros em Blumenau. O texto do jornal diz sobre o tema: ‘O grafitti pode ser considerado uma evolução da pichação. Ao invés das frases de ordem escritas em spray preto, gravuras coloridas apelam para a paz, pelo fim da discriminação



racial e contra a perseguição às artes alternativas'. As fontes citadas são dois grafiteiros, um deles cita que desde jovem teve contato com os movimentos de consciência negra em Porto Alegre, de onde veio, duas pessoas comuns com pontos de vista divergentes, um a favor e o outro contra o trabalho com grafite e um delegado sobre as implicações legais e autorização para as atividades.

Quadro 4 - Dados do ano de 2001

MESES	FOTO	TEXTO	PUBLICIDADE
JANEIRO	26	3	4
FEVEREIRO	17	5	1
MARÇO	19	3	2
ABRIL	19	1	4
MAIO	28	2	-
JUNHO	23	5	2
JULHO	28	3	2
AGOSTO	26	4	1
SETEMBRO	6	1	1
OUTUBRO	16	1	-
NOVEMBRO	21	2	1
DEZEMBRO	9	1	1

Total de Edições Analisadas: 301. Em 136 delas, nenhuma menção encontrada

Fonte: os autores

No ano de 2002, totalizaram-se 308 edições analisadas e em 99 delas não havia nenhuma foto, texto ou publicidade com negros. É o ano com mais presença de negros quantitativamente, mas de forma qualitativa, relacionada ao conteúdo delas, não necessariamente. Em março, foi publicada uma matéria pela passagem do dia da mulher.



A reportagem conversou com mulheres que trabalham com literatura em Blumenau, uma delas é negra e o texto aborda o tópico: ‘As dificuldades de ser mulher, mãe, esposa, tudo ao mesmo tempo, não impediram de conquistar o merecido espaço. Mas o fato de ser uma mulher negra, pesou bastante, confessa. Conseguir se colocar num universo predominantemente branco, exigiu perseverança. Mas ela se impôs. As atividades literárias desenvolvidas dentro da comunidade, renderam à Tânia o prêmio de Mulher Destaque de 2001, conferido pelas Soroptimistas de Blumenau’. Neste mesmo mês, aconteceu a premiação do Oscar, e um dos destaques do texto, que inclusive já traz no título ‘Reparos na fita’, sobre as injustiças raciais do principal prêmio da indústria cinematográfica, e que neste ano premiou dois atores negros, a atriz Halle Berry foi a primeira atriz negra a ganhar um Oscar no papel principal. Além dela, o ator Denzel Washington também ganhou na categoria masculina. O texto fala da compensação do racismo de Hollywood, e comentário do editor do jornal, que faz parte do conteúdo sobre o Oscar na página, reforça isso, dizendo que Washington não merecia o Oscar pelo papel que fez, e cita que, inclusive, o próprio papel dele no filme, de um policial corrupto e violento é um estereótipo.

No mês de abril, a RBS publicou o editorial ‘Canal para as minorias’, que discute sobre a primeira vez que o Conselho Nacional de Educação terá representantes negra e indígena, e em como isso pode impactar de forma positiva nos resultados da educação, no ingresso a universidades, na consciência histórica e realidade racial no país. Em maio há um outro editorial, dessa vez aborda o projeto lançado pelo presidente FHC Projeto Nacional de Direitos Humanos. ‘É o caso do crescimento da parcela da população que se considera negra, revelando um aumento da consciência e afirmação dos negros brasileiros’, diz um trecho do editorial baseado nos novos dados do Censo 2000. O editorial diz que as cotas correm o risco de abrir caminho para outras formas de desigualdade, que o governo deve optar por formas criativas de melhorar o tratamento e acesso dessas minorias a educação e mercado de trabalho. ‘A dívida histórica econômica, social e cultural para com os negros precisa ser honrada, criando-se soluções democráticas que não firam a autoestima dos beneficiários e que, por outro lado, não sejam apenas um jogo retórico’, termina o editorial.

No mês de agosto, a reportagem ‘Preconceito mora nas entrelinhas’ discute salários mais baixos e obstáculos em empreender na carreira dos negros no Brasil. São utilizadas como fontes a coordenadora e a advogada do Núcleo de Estudos Negros (NEN),



um consultor de Recursos Humanos e uma advogada trabalhista. Na primeira parte da matéria, que cita o consultor e a advogada trabalhista, o consultor diz que o preconceito há 10 anos era maior e diz: ‘A orientação é para que cada profissional tente criar suas próprias oportunidades, buscando se qualificar para ser avaliado igualmente com qualquer outro concorrente’. Já a advogada diz que o Brasil tem uma boa legislação de combate à discriminação racial, o que opõe uma informação mais pra frente no texto, em que muitos casos que chegam ao NEN não seguem por falta de provas e testemunhas. Na retranscrição do texto, fala-se de toda essa situação como algo estrutural e histórica, em que as fontes apontam que desde a educação nas escolas, a falta de acesso aos estudos, como isso impacta em conseguir empregos mais bem remunerados e que isso pode acabar se tornando um ciclo entre as famílias. Também aponta sobre o racismo velado em atitudes e termina dizendo que falta consciência sobre essas questões de discriminação no dia a dia: ‘Se a população não acredita que o problema existe, e deixar passar assim, não vai se mobilizar para enfrentar a situação’.

Quadro 5 - **Dados do ano de 2002**

MESES	FOTO	TEXTO	PUBLICIDADE
JANEIRO	23	23	1
FEVEREIRO	30	30	-
MARÇO	18	18	1
ABRIL	21	21	4
MAIO	22	22	11
JUNHO	24	24	12
JULHO	21	21	-
AGOSTO	28	28	1
SETEMBRO	21	21	4
OUTUBRO	15	15	4
NOVEMBRO	14	14	10
DEZEMBRO	27	27	8

Total de Edições Analisadas: 308. Em 99 delas, nenhuma menção encontrada

Fonte: os autores

Neste ano, há poucos conteúdos que discutem o tema, as últimas duas foram feitas no mês de novembro. A primeira delas é uma matéria sobre uma exposição que acontece em Itajaí, de um fotógrafo que registrou nove comunidades negras em toda Santa



Catarina. É uma matéria curta e não utiliza nenhuma fonte. O último texto que fez parte desta análise foi o Artigo do Leitor, do professor e jornalista Carlos Silva, nota-se que este é o segundo ano com um texto dele. Sob o título ‘A consciência negra é crítica’, denuncia várias desigualdades e atrocidades cometidas na época da colonização: ‘o afro-brasileiro influência nos costumes, nas artes e na economia, mas fica à margem na distribuição de renda’. Ele ainda explana sobre a necessidade de os negros ocuparem os seus espaços, exercitando a consciência crítica, e a pouca presença dos negros em universidades e na política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo esse período analisado pode-se chegar a algumas conclusões e pontos importantes que devem ser destacados. As discussões acerca do racismo, discriminação racial, negritude foram poucas, quando comparadas a quantidade de mais de 1500 edições analisadas. Vale ressaltar o papel central da imprensa, segundo a hipótese do agenda-setting ou agendamento, estudo feito pelos americanos Maxwell McCombs e Donald L. Shaw, que segundo Castro (2014), busca compreender a influência dos meios de massa na formação da opinião pública e na construção da imagem que os indivíduos possuem da realidade. Leitão (2007 apud MUNIZ, 2011) explica:

“Ela [a discussão do racismo] não pode ser feita só em um evento: um dia, um negro que já chegou na classe média é barrado no elevador social de um prédio. Então sai a matéria com a foto, os amigos se solidarizam, mas o caso é apresentado como um episódio exótico. Não existe uma cobertura diária sobre o fato de que 84 milhões de brasileiros são tratados de forma inferior, têm os piores empregos e os piores salários, são barrados ao longo da vida inteira por barreiras fortes, poderosas e invisíveis a olho nu. O Brasil tem que discutir o racismo se quiser ser grande, se quiser ser forte, se quiser ter uma economia viva. (LEITÃO, 2007, p.44 apud MUNIZ, 2001, p.12)

Seguindo nesta mesma linha, Traquina (2012, p.199) explica que os conceitos de noticiabilidade e destaca os apontamentos de Gitlin (1980) que a escolha do que é notícia é influenciado pelas pressuposições tradicionais do jornalismo:

“1) as notícias envolvem acontecimentos, e não as condições que produzem os acontecimentos; 2) as notícias privilegiam as pessoas, e não o grupo; 3) as notícias destacam o conflito, e não o consenso; 4) as notícias privilegiam o fato que “alimenta” a “estória”, e não o fato que a explica”. (TRAQUINA, 2012, p.199)



Para além do conteúdo textual e voltando-se para a fotografia, percebeu-se em que a maioria desse material imagético está relacionado ao esporte (futebol, basquete, xadrez, voleibol, handebol, atletismo e cultura (artistas, eventos, apresentações), e esse resultado não é algo exclusivo do Jornal de Santa Catarina. Dolzio (2006 apud CHRISTOFOLETTI; BASSO, 2007, p.117) realizou uma pesquisa a respeito de reportagens de capa da revista *Veja* entre 1968 e 2003 e mostrou que os negros e afro-descendentes, geralmente, são caracterizados em profissões que exigem pouca ou nenhuma escolaridade formal, bastante relacionados a cultura e esportes, “reforçando estereótipos”. O mesmo ocorreu na análise sobre fotografia feita por Christofolletti e Basso (2007) na mídia impressa catarinense, com negros e negras só se destacando como esportistas e músicos. A pesquisa acima citada teve um recorte no ano de 2006, mas como já apontado, entre os anos de 1998 e 2002, foco da presente pesquisa, a realidade da presença nas fotografias é a mesma, o que revela que este cenário pouco tem mudado e é uma questão relevante de âmbito nacional.

Após todo o processo de análise, pode-se buscar responder as hipóteses e perguntas que permeiam a elaboração desta pesquisa. Verificou-se que a imprensa diária de Blumenau e região reforça a invisibilidade dos temas relacionados à diversidade étnico-racial no cotidiano dos leitores. O resultado do trabalho jornalístico reforça o papel ideológico de defesa do sistema macroeconômico, entendido como a manutenção do capitalismo, em suas mais variadas manifestações, relegando a cultura, a religião e os assuntos ligados aos negros a um papel secundário no protagonismo social. As questões sobre valorização da diversidade étnico-racial não encontram espaço adequado para discussão, reflexão e questionamentos da sociedade na grande imprensa local. Todas estas hipóteses se confirmaram verdadeiras, uma vez que o assunto, ganhava abordagens pontuais durante cada ano, reforçando estereótipos no tange a fotografia e o contexto a elas atribuído e também em textos.

Pode-se dizer que há espaço destinado às questões que valorizam a igualdade racial, por meio de sua cultura, religião e manifestações identitárias na imprensa blumenauense, mas que ele é reduzido e pouco explorado, geralmente ganhando destaque em datas e comemorações específicas. As notícias sobre o negro e sobre as problemáticas culturais e sociais das populações de origem africanas são construídas, muitas vezes, em narrativas relacionadas à pobreza. O tema igualdade étnico-racial é nulo se tratando de



matérias sobre economia, mobilidade urbana, moradia, violência, infraestrutura da cidade, imigração, com exceção da religiosidade que aparece de forma tímida. As fontes ouvidas quando o assunto diz respeito ao negro e suas questões identitárias são integrantes de grupos de estudo de negros, pesquisadores na área, além dos próprios personagens negros das matérias. Mas vale chamar a atenção que há como fontes pessoas comuns. O contexto construído simbolicamente nas matérias que tratam dos problemas sociais que envolvem questões étnico-raciais, violência, preconceito, cultura, religiosidade na maior parte das vezes está associado ao passado, justificando-se na escravidão, pós-abolição da escravatura, pobreza, marginalizados, desigualdade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO, Claudia Rosa; HOHARA, Jouliana Jordan. *Interpretações sobre os Retratos dos Afro-descendentes na Mídia de Massa*. RAC, Curitiba, p.119-146, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v12nspe/a06v12ns.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Repertório Bibliográfico Sobre a Condição do Negro no Brasil*. Brasília: Edições Câmara, 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/acamara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/pro-equidade/publicacoes/repertorio-bibliografico-sobre-a-condicao-do-negro-no-brasil>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O racismo na História do Brasil: mito e realidade*. Mito e realidade. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CASTRO, Davi de. *Agenda-setting: hipótese ou teoria?* Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. Intexto, Porto Alegre, n. 31, p.197-214, dez. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/46390>>. Acesso em: 02 mar. 2020.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; BASSO, Marjorie K. J.. *O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais*. Estudos da Comunicação, Itajaí, p.111-125, dez. 2007. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/02/pdf/Christofoletti-Basso-negros-democracia.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2020.

IBGE. *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 11 fev. 2020.

LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

MCQUAIL, Denis. *Teorias da comunicação de massa*. 6 edição. Porto Alegre: Penso, 2013. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Revisão Técnica: Marcia Benetti.

MONT'ALVERNE, Camila. *A agenda de pesquisa sobre editoriais jornalísticos: um mapeamento das produções acerca do tema*. Lumina, Juiz de Fora, v. 11, n. 3, p.152172, set.



2017. Disponível em: <<http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/21296>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MUNIZ, Raíssa Gomes. *Racismo na mídia: uma análise da cobertura do técnico Andrade*. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/2823>. Acesso em: 02 mar. 2020.

NOGUEIRA, A. M. R., PASSOS, J.C., CRUZ, T.M. *A participação das pesquisadoras negras na produção do conhecimento científico*. Revista Identidade!, São Leopoldo, v.18 n. 3, ed. esp. p. 291-302, dez. 2013, ISSN 2178-0437X

PEREIRA, Juliano Gonçalves. *A urgência de outras visões sobre as juventudes negras no Brasil*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 31, fev. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/701>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. *Direitos humanos e as práticas de racismo*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/13516>. Acesso em: 10 fev. 2020.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: volume I porque as notícias são como são*. Volume I Porque as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

Recebido em: 25/04/2020

Aceito em 15/10/2020